

Dinâmica e sistemas de custeio das safras de milho no estado do Paraná

Robson Mafioletti e Gilson Martins *

O estado do Paraná tem sua base econômica na produção de grãos e carnes. Apresenta grande desenvolvimento no cultivo do milho, tanto para abastecimento da produção industrial, especialmente de rações, quanto para exportação. É o maior produtor de aves e está entre os três maiores produtores de suínos e bovinos de leite, do Brasil. A produção total de milho cresce ano a ano no Paraná. Um fato curioso é a “inversão das safras” ocorrida no estado. Outrora, a principal safra de milho concentrava-se no verão (primeira safra); e havia uma safra subsequente menor, chamada de safrinha (segunda safra).

Nos últimos anos, esta relação mudou e o milho de segunda safra ultrapassou, em volume de produção, o milho de primeira safra. Isso é evidenciado na Figura 1, que demonstra a inversão entre as safras de 2009/10 e 2010/11, fato que também ocasionou aumento na produção total.

Em 2007/08, o estado produzia 13,6 milhões de toneladas, passando para 15,9 milhões de toneladas em 2014/15, um salto de 17%. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab) do Paraná, com base em agosto de 2015, o custo variável de produção do milho para a safra 2015/16, no estado, estava estimado em R\$ 18,28/saca de 60 kg. Deste montante, os custos passíveis de operações de troca (fertilizantes, sementes e agrotóxicos) somavam R\$ 12,99/saca de 60 kg, que podem ser financiados via crédito rural ou por relação de troca destes insumos pela produção de milho.

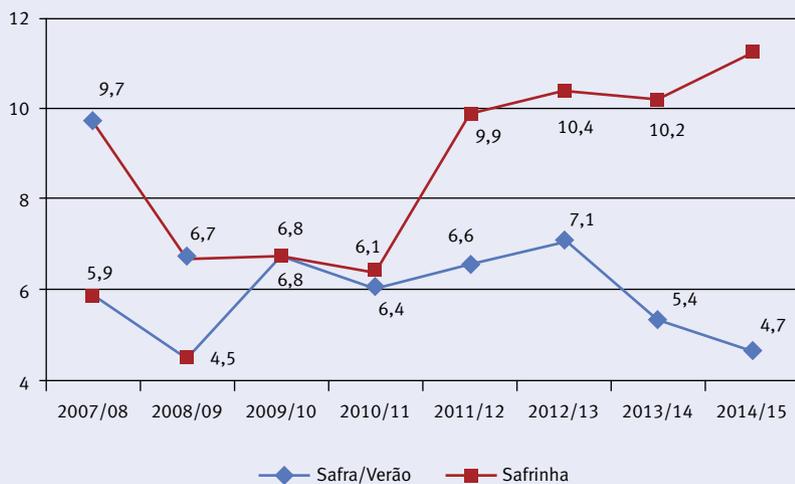
CASE DAS COOPERATIVAS

No caso das cooperativas agropecuárias paranaenses, mais de 80% do custeio da lavoura de milho ocorre via Manual de Crédito Rural (MCR), do Banco Central do Brasil (BCB), que prevê o montante de até R\$ 1,2 milhão por mutuário e por safra.

Conforme consta no capítulo 3 – MCR 3-2-5 –, a taxa de juros é de 7,5% a.a. para mutuários enquadrados no Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp/BNDES) e de 8,75% a.a. para demais produtores. No capítulo 5 do MCR há, também, o crédito para aquisição de insumos e de bens para fornecimento a cooperados com recurso controlado, limitado por ano agrícola a R\$ 500 mil por cooperado. As cooperativas, com atuações em toda a cadeia produtiva do milho, conseguem levantar a demanda por recursos dos cooperados que cultivam o cereal, o suporte através da assistência técnica que conta com mais de 2.200 profissionais – 1.500 engenheiros agrônomos – fazem a transferência de tecnologia, via extensão rural e assessoramento técnico de planejamento da produção. Com base em levantamento feito por esses profissionais, a cooperativa se articula junto aos agentes financeiros para levantar o montante de recursos de crédito rural para aquisição de insumos em larga escala e repasse posterior aos cooperados.

Os agentes mais atuantes no agronegócio paranaense são o Banco do Brasil, a Sicredi (cooperativa de crédito) e a Caixa Econômica Federal (CEF), sendo este último mais recente na oferta de recursos para crédito rural. Via de regra, os recursos de crédito rural de “pré-custeio”, levantados nos bancos, propiciam uma negociação favorável junto às indústrias de agroquímicos, fertilizantes e sementes, pois o pagamento é realizado à vista, com recursos do crédito rural. As compras são antecipadas e as campanhas de venda para a safra de verão (semeada a partir de setembro) são realizadas nos

FIGURA 1 | EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MILHO NO PARANÁ, NA PRIMEIRA E NA SEGUNDA SAFRAS (EM MILHÕES DE T.)



Fonte: Seab/Deral; elaboração: Ocepar/Getec; out. 2015.

meses de maio e junho e, a partir de 1º de julho, já podem se transformar em financiamentos dentro do plano agrícola e pecuário do Governo Federal.

Nas regiões do estado com forte participação de cooperativas, os fertilizantes, sementes, herbicidas, inseticidas e fungicidas necessários à produção do milho chegam aos produtores em condições mais vantajosas quando comparadas a regiões em que as cooperativas têm menor presença. Desse modo, ressalta-se que operações de troca, ou *barter*, em inglês, são menos difundidas no Sul e Sudeste do Brasil, especialmente no Paraná, onde o Sistema Cooperativista responde por 56% da produção agrícola do estado. Também, 92% dos produtores rurais da região são considerados pequenos e médios, cultivando até 100 hectares, sendo plenamente atendidos pelo Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR/BCB) – custeios da safra.

OPERAÇÕES DE *BARTER*

As operações de *barter* têm relevância para o custeio da safra nas demais regiões do Brasil, mas, normalmente, têm custos finais mais elevados para os produtores que as de crédito rural. Nessas negociações, nas paridades, ocorre, geralmente, deságio dos preços dos produtos ou elevação dos preços dos insumos para os produtores, em relação ao mercado. O sucesso das operações de *barter* depende da paridade (insumos × produto), pois é ela que determina a adesão ou não dos produtores. Outro fator fundamental é a gestão de riscos da operação. No Brasil, registraram-se casos em que os contratos não foram cumpridos, devido ao descolamento do preço de mercado em relação ao estabelecido na paridade ou em momentos de frustração de safra.

A confiança entre os produtores e distribuidores de insumos é fundamental para o sucesso da operação. Assim, as *tradings* evitam, atualmente, atuar diretamente neste sistema, deixando-os ao encargo das revendas e dos distribui-



OCEPAR / SAMUEL MILLEO FILHO

Custos de produção passíveis de operações de troca podem ser financiados via crédito rural ou por relação de troca de insumos pela produção de milho

dores regionais, que melhor conhecem os produtores rurais e realizam operações de médio e longo prazo, o que é característico ao setor do agronegócio. Finalmente, é fundamental, para se operar neste mercado, o conhecimento das realidades e dos atores regionais, de modo que ocorra sustentabilidade nas operações. Como citado anteriormente, o modelo não tem sido muito utilizado no Paraná, prevalecendo o custeio da safra via crédito rural oficial.

DINÂMICA DOS PREÇOS

As análises dos preços das *commodities* agrícolas milho, soja e trigo são de funda-

mental importância para se entender o mercado e os níveis de rentabilidade dos cultivos. A dinâmica dos mercados agrícolas, na última década, tem dificultado a previsibilidade dos preços, devido a fatores como a globalização e liberalização dos mercados, a destinação dos produtos agrícolas para a produção de energia (etanol e biodiesel) e a financeirização dos mercados, movidos pelos fundos de investimentos, pensão e especulativos no setor.

Os fundos tiveram forte entrada nos mercados agrícolas, entre 2006 e setembro de 2008. Um dos grandes motivos para esse *boom* dos fundos nos mercados agrícolas foi a aprovação da Lei de

Energia nos Estados Unidos, em 2007, que garantiu demanda de mais de 150 milhões de toneladas de milho para produção de etanol (mandatário de 10% de mistura de etanol na gasolina). Isso alavancou tanto o mercado de milho quanto os de soja e de trigo, devido às substituições de área cultivada e ao consumo dos produtos. Apesar disso, os fatores fundamentais que movimentam o mercado (oferta x demanda) ainda têm peso significativo na determinação dos preços. A relação entre estoque final e consumo é a mais utilizada, uma vez que é de fácil entendimento e inversamente proporcional aos preços internacionais da *commodity* em análise. Baixas relações de estoque e consumo tendem a influenciar os preços para cima; relações altas ocasionam baixas nos preços.

No mercado de milho, uma relação estoque final/consumo que demonstre equilíbrio no abastecimento e preços mundiais razoáveis parece se situar entre 15% e 20%, considerando-se que a previsão da produção mundial é superior a 978 milhões de toneladas. A safra mundial de milho 2015/16 inicia-se em outubro, com a colheita nos Estados Unidos. Este país possui uma safra estimada superior a 365 milhões de toneladas. Entre junho e outubro de 2015, as cotações do primeiro vencimento em Chicago aumentaram cerca de 10,5%, aproximando da média histórica de US\$ 4,0/*bushel*. ¹⁰

* **Robson Majioletti** é engenheiro agrônomo, mestre em economia aplicada e coordenador técnico da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Sistema Ocepar) (robson.majioletti@sistemaocepar.coop.br) e **Gilson Martins** é engenheiro florestal, doutor em economia industrial e assessor técnico da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Sistema Ocepar) (gilson.martins@sistemaocepar.coop.br).



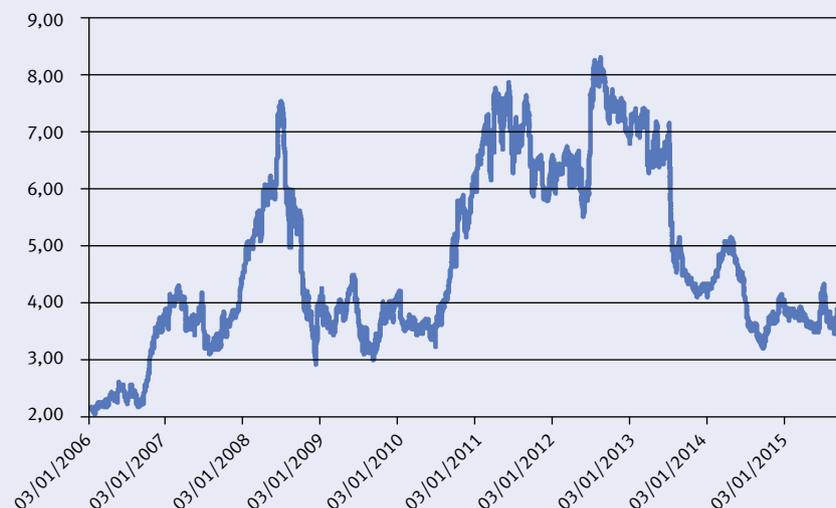
FIGURA 2 | EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO ESTOQUE FINAL/CONSUMO (%) DO MILHO MUNDIAL



Fonte: United States Department of Agriculture (USDA); elaboração: Ocepar/Getec; out. 2015.



FIGURA 3 | EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO MILHO EM CHICAGO; JAN. 2006 A OUT. 2015*



* Bushel de milho = 25,400 kg.

Fonte: CMEGroup; elaboração: Ocepar/Getec; 2015.